

Manda carta para a mãe analfabeta

Tem gente que não dispensa a rapadura, o feijão tropeiro ou a carne de sol. A paixão de outros pode ser saudade pura

A paixão de moradores do Distrito Federal pelas coisinhas da terra, sejam elas a rapadura ou o chimarrão, tem lá suas explicações sociológicas. É como se Brasília fosse uma nação de 4.822 km² povoada por estrangeiros. Gente que fala a mesma língua, mas que tem costumes e gostos diferentes. "É a mesma

mundo", garante o cearense de Independência, há 24 anos no Distrito Federal. Sempre que viaja para o Ceará, leva malas extras, vazias, para voltarem cheias do doce feito de cana-de-açúcar. Nem que seja para um prato exótico: "Feijão tropeiro com rapadura é bom demais!"

Mas não é carne de charque que tortura o dono do barzinho de madeirite, na entrada do Varjão. É a saudade da mãe — Alaíde, 55 anos —, que nunca abandonou Palmeiras do Piauí. O filho veio atrás de emprego, casou-se, ficou viúvo, mas não desistiu de Brasília. Domingos Neres Pacheco, 34, virou escritor de cartas. Uma vez por mês, à noitinha, puxa a mesinha, pega a caneta e vai botando o sentimento no papel.

"Às vezes, escrevo poemas para ela", revela, com a simplicidade de quem estudou apenas até a 3^a série do primário, e leva a mão à boca, para esconder o sorriso desdentado. A mãe, analfabeta, ouve a mensagem do filho. A filha Socorro, 26, que ficou, é quem lê. Varjão não tem agência dos correios. Nem isso desanima o piauiense que, uma vez por mês, vai até o Lago Norte enviar a carta. Não seria mais fácil ir até o orelhão e ligar? "Telefonar fica mais caro", explica. "E também porque a mamãe pode ver minha letra, pegar no mesmo papel que eu peguei."

O gaúcho Wanderley Zimmermann, 46, agricultor na zona rural de Planaltina, mata a saudade da filha, ligando todo santo dia, às 21h, para Pelotas (RS), onde ela estuda Direito e Agronomia. São R\$ 300 por mês, de interurbano. Todo dia, perto das 21h, a ligação é feita. (Rovênia Amorim)

SAUDADE

Sinto muita saudade
de meu Quixeramobim
Deixei e parti de lá
por esse mundo sem fim
Não há quem meça
a saudade que mora dentro de mim
Irenilda mora lá
Francisca mora também
Pra lá não posso ir
Pra cá as duas não vêm
A saudade que tenho delas
Só Deus sabe e mais ninguém
Há tempos eu deixei
o lugar do nascimento
o cabo da enxada
a cangalha do jumento
A saudade não tem cor
mas lembrança e sentimento

De: José Emílio da Silva
36, cearense de Quixeramobim (CE) e repentista da Casa do Cantador

coisa quando se mora em Paris ou em outra cidade do mundo. Uma lata de goiabada ou uma garrafa de cachaça vale muito mais que um anel de brilhantes", explica o sociólogo Brasilmar Nunes, da Universidade de Brasília.

É exatamente esse apreço pela comida da terra que faz o servidor público aposentado Antônio Carlos Lopes, 55, a não dispensar um naco de rapadura depois do almoço. "A rapadurinha é a melhor sobremesa do

Ricardo Borba



Domingos escreve para a mãe, Alaíde, no Piauí. Quem lê as cartas e repete em voz alta é sua irmã Socorro

AS PRINCIPAIS COLÔNIAS DE BRASÍLIA

Origem	Concentrados em		
Mineiros	Lago Sul 15%	Brasília 13%	Taguatinga 14%
Baianos	Paranoá 12%	Santa Maria 9%	São Sebastião 7%
Goianos	Brazlândia 16%	Planaltina 12%	Taguatinga 9%
Piauí	Paranoá 12%	Santa Maria 9%	Santa Maria 8%

* Brasília, Paranoá, São Sebastião e Lago Sul são as cidades que têm menos moradores nascidos no Distrito Federal (menos de 40%). Todas as demais contam com mais de 40% da população nascidos aqui.

*Fonte: Sociologia do Espaço Social de Brasília: O Descontrole Planejado — Brasilmar Ferreira Nunes e Nara Kohlsdorf (UnB)